

# A candidatura de Plínio Salgado à presidência da República: os usos políticos da memória

Rogério Lustosa Victor

Doutorando em História pela UFG, bolsista da CAPES.

**Resumo:** A candidatura de Plínio Salgado à presidência da República, em 1955, suscitou amplo debate em que os usos da memória foram centrais. O Partido de Representação Popular, dirigido por Salgado, dizia-se integralista e, portanto, buscava no passado a sua substância, pois foi nele que o integralismo chegou a ser um partido de massas e com expectativas de chegar ao poder central. Porém, o passado também carregava sentidos profundamente negativos ao integralismo e à candidatura de Salgado: fascista, golpista e risível eram adjetivos frequentemente usados para referir-se aos integralistas no final dos anos 1930 e nos anos 1940 e, em 1955, voltaram à cena, sendo usados pelos adversários da candidatura perrepepista. Na disputa pelos votos, assenhorar-se da memória fazia-se fundamental.

**Palavras-chave:** memória, Integralismo, Plínio Salgado

**Abstract:** The 1955 Plínio Salgado's candidacy to the post of President of the Brazilian Republic came up a huge debate in which different ways of using the memory played a key role. The Popular Representation Party led by Mr. Salgado, presented itself as integralist and therefore it was trying to get its meaning and substance from the past, since it was precisely in the past that the PRP was a mass party and with expectation of coming to power. However, this same past carried some negative senses to both the integralism and Mr. Salgado's candidacy. Fascist, cup supportive and laughable were part of the adjectives used to describe the integralist in the late 1930's and the 1940's. In 1955 the enemies of Mr. Salgado's candidacy brought these adjectives back to the political stage. In the vote dispute, mastering the memory became a key point.

**Keywords:** memory, Integralism, Plínio Salgado

## Introdução

Em 1955, Plínio Salgado foi lançado candidato à presidência da República pelo Partido de Representação Popular (PRP). Tal candidatura suscitou amplo debate, no qual os usos da memória foram centrais. Isso porque Salgado havia, nos anos 1930, fundado e atuado como líder da Ação Integralista Brasileira (AIB), agremiação de cunho fascista. Porém, a derrota dos fascismos na Segunda Guerra Mundial, os subseqüentes eventos dos Julgamentos de Nuremberg e a difusão dos horrores praticados pelos nazifascismos, durante aquele conflito, implicaram significativo veto a movimentos similares. O PRP, criado em 1945, era uma reordenação do integralismo e, assim, carregava um passado repleto de sentidos negativos. Na eleição de 1955, os adversários políticos de Salgado puderam fazer usos da memória social como arma fácil e eficaz. Para os perrepistas, o seu passado integralista não podia ser esquecido. Primeiramente por que tal passado era exposto por seus adversários como acusação, provocando a recordação. Segundo porque era o patrimônio comum dos integralistas e o que os diferenciava de outros grupos, corroborando a construção da identidade que marcou a existência do PRP. Diante do esquecimento, o grupo correria sério risco de desfazer-se, mas, diante da recordação que era exposta por seus adversários, o veto estava posto.

Entretanto, claro é que o passado presente na memória e os seus usos não são consensuais, pois, como expõe Peter Burke, “dada a multiplicidade de identidades sociais e a coexistência de memórias rivais, de memórias alternativas (...), é certamente mais produtivo pensar em termos pluralísticos sobre os usos que a recordação pode ter para diferentes grupos sociais (...)”<sup>1</sup>. Na disputa política, o passado também é disputado e assim concordamos com Jacques Le Goff ao afirmar que “a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder” e ainda que “tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”<sup>2</sup>.

No embate político nas eleições de 1955, o esforço para assenhorar-se da memória foi crucial. Buscaremos então avaliar os usos políticos do passado - como memória -, naquele momento, tanto no que concerne à memória integralista, engenhosamente refeita, tanto no que

se refere a uma memória mais compartilhada, à qual chamaremos de memória social, valiosa arma dos adversários de Salgado.

### **A recomposição da memória integralista no surgimento do PRP**

Visando desfazer as imagens negativas compartilhadas pelo público referentes ao integralismo, atrair novos adeptos à sua doutrina e muito provavelmente criar um clima mais propenso à reorganização partidária dos ex-camisas-verdes, Salgado enviou do exílio em Portugal, em setembro de 1945, o Manifesto-Diretiva - documento central no processo de reordenação do integralismo. O Manifesto teve ampla difusão e foi publicado em vários grandes jornais do país na primeira quinzena do mês de setembro de 1945 e, entre os integralistas, ganhou enorme circularidade na forma de folheto, sendo difundido nacionalmente. No *Correio da Manhã*, o Manifesto-Diretiva foi publicado no domingo, 9 de setembro daquele ano, cobrindo praticamente toda a página 10. Nele, Salgado fez uma exposição sintética de sua doutrina e a apresentou como sendo a mesma desde a década anterior, época da AIB; definiu o integralismo como uma doutrina, antes de ser um partido; condenou toda forma de materialismo, criticando veementemente os Estados Totalitários, tanto os nacional-socialistas quanto os internacional-socialistas, ambos vistos como constituindo as faces direita e esquerda de uma mesma realidade; por fim, ele defendeu os fundamentos religiosos da pátria e, considerando-se inspirado nos ensinamentos de Cristo, afirmou a concepção espiritualista de sua doutrina.

O Manifesto-Diretiva foi, em grande medida, uma defesa sintética de seu movimento que teve lugar nos anos 1930, e defendê-lo em 1945 era reordenar a memória integralista. Os ex-camisas-verdes não queriam ou não podiam desprezar o passado, momento em que tiveram significativo movimento com grandes expectativas de futuro. Sua força parecia estar no passado, mas também era ali que se encontrava sua fraqueza. Como descolar a imagem tão compartilhada de que o integralismo era o fascismo caboclo? Ou a de que o integralismo era golpista? Não recompor semelhante passado era condenar o integralismo à ausência de futuro. Daí a preocupação de Salgado, naquele documento, com questões como o uso da camisa-verde

e a equivalência com os fascismos europeus e, ainda, com o golpe integralista de 1938, aspectos do passado integralista que eram bastante usados para minar o movimento perante a opinião pública. Salgado explica essas acusações como uma espécie de testemunho, alguém que viveu como ator privilegiado todos esses processos e que “como todo testemunho quer ser acreditado”<sup>3</sup>.

Naquela primeira questão, ainda no Manifesto-Diretiva, Salgado argumentava que a camisa-verde, deixada de lado no novo momento (até porque a legislação em vigor em 1945 não a permitiria), não era um símbolo do totalitarismo e sim uma arma usada para combater a nazificação de algumas regiões do Brasil, basicamente do Sul. Ele insistia no aspecto antitotalitário do integralismo, fazendo abundantes referências de seus textos anteriores para provar que a equiparação do integralismo aos fascismos não passava de “calúnia, deturpação e falsidades de toda espécie”<sup>4</sup>. Quanto ao golpe de 1938, ele argumentava que não houvera revolta integralista naquela ocasião e sim uma revolta de vários partidos a favor da democratização e da retomada da Constituição de 1934. Nesta articulação geral, a chefia não cabia ao integralismo e sim ao General Castro Júnior.

Embora o Manifesto-Diretiva não tenha sido um documento explicitamente ligado à organização de um novo partido integralista, há fortes indícios de que fazia parte da estratégia que visava à criação e legalização de alguma agremiação partidária que mantivesse a doutrina da extinta AIB. Para semelhante intento, era necessário que o nível de rejeição ao integralismo diminuísse. Daí o esforço para descolar o integralismo de seus congêneres europeus e reforçar os aspectos espiritualistas do integralismo. A própria proximidade temporal entre o Manifesto e a assembléia de fundação do PRP, a qual ocorreu em 26 de setembro de 1945, constitui um desses indicativos.

Na assembléia de fundação, aprovaram-se o estatuto e o programa partidário, além de ter sido eleito um Diretório Nacional Provisório. Entre os fundamentos do programa partidário, dois entre os cinco aprovados merecem destaque para se perceber as estratégias acima apontadas:

1. O conceito espiritualista da vida, preservável com respeito das tradições religiosas do povo, e das bases indestrutíveis da família brasileira, e com repúdio de toda e qualquer legislação inspirada em doutrinas materialistas;

5. O combate contra todas as ideologias totalitárias, inimigas da dignidade do homem, da soberania nacional e da harmonia entre os povos.<sup>5</sup>

Assim, o integralismo, sob nova roupagem, a do PRP, embora se mantivesse integralista, dava maior ênfase ao espiritualismo cristão que a sua antecessora, a AIB, e abandonava a plástica fascista, bem como aceitava o jogo democrático e opunha-se aos totalitarismos. E tudo feito como se não fosse um refazer e sim um permanecer.

### **O passado como lugar de reencontro da perspectiva de futuro: a candidatura Plínio Salgado em 1955**

É no passado que Salgado encontrou a explicação para o seu propósito inabalável de se candidatar à presidência da República naquela eleição que se aproximava. Salgado viu no tempo passado o sentido que justificava sua candidatura, pois era lá que ele se reencontrava com o tempo em que o sonho de construir o Brasil integral havia florescido entre os integralistas e se tornado uma realidade imaginada como possível, já que vislumbravam a chegada ao poder. Reatar-se àquele tempo era novamente ter perspectivas de futuro próximas das que eles haviam traçado nos anos 1930. Assim, Salgado reflete sobre o tema: “tínhamos de reatar a linha de conduta, restaurando no País a atitude assumida em Janeiro de 1936 (lançamento do Manifesto-Programa) e 30 de maio de 1937 (lançamento da minha candidatura)”<sup>6</sup>.

Não se reatar ao passado significava perder apoio dos que, com maior probabilidade, poderiam simpatizar com a causa perrepista, ou seja, os integralistas. E o próprio crescimento insatisfatório do PRP<sup>7</sup> era pensado por Salgado como até então uma incapacidade do partido de vincular-se nitidamente ao passado integralista e de se colocar como zeladores da honra e da glória daqueles que deram suas energias e até mesmo a vida pela causa integralista nos anos 1930. E era assim que Salgado explicava sua vontade de ser candidato à presidência da República ao Diretório Nacional do PRP ainda em junho de 1954, mais de um ano antes do pleito. Dizia ele: “Temos um compromisso de honra com os que morreram por nossa idéia e

com milhares de brasileiros que acreditam em nós e que esperam algo de nós no atual momento”<sup>8</sup>. Na medida em que o PRP não carregava consigo explicitamente o passado, ele era visto pelos integralistas como um partido qualquer e, portanto, sem capacidade de aglutiná-los. Ao menos era desse modo que Salgado justificava sua possível candidatura: como um reatamento da linha de conduta surgida nos anos 1930. Sem esse elo, segundo Salgado, muitos brasileiros simpatizantes com as idéias integralistas viam o PRP como uma agremiação que “(...) não passa de um partido como os outros, podendo, portanto, todos os que vêm no integralismo a salvação nacional, operar em qualquer partido (...)”<sup>9</sup>. Daí, fazia-se mister mostrar essa continuidade, mostrar para os integralistas e simpatizantes que a candidatura perrepista à presidência “era uma conseqüência lógica da campanha presidencial de 1937 (...), a qual foi interrompida pela implantação da ditadura”<sup>10</sup>. Trazer consigo o passado era para Salgado indispensável também, porque aquele demarcava a diferença entre eles - que atuaram na AIB e lutaram por um Brasil grande - e os outros. Havia a ideia de que tinham construído nos anos 1930 um mundo comum que, embora em pedaços, sobrevivia. Juntar os pedaços no presente passaria, sem dúvida, pelo fortalecimento do elo com o momento cuja perspectiva de futuro do Brasil para os integralistas era otimizada pela expectativa de chegada ao poder, a qual, efetivamente, eles vislumbraram naquela década de 1930.

### **Em defesa da memória integralista: nem fascista, nem golpista**

Supomos, com Fernando Catroga, que os indivíduos selecionam “as marcas de seu pretérito, processo psicológico em que as recordações são acompanhadas pelo que se olvida, pois, quer se queira quer não, escolher implica, igualmente, esquecer, silenciar e excluir aquilo de que já se teve notícia”<sup>11</sup>. E decorre daí, analogicamente, que a memória coletiva, responsável em parte pela identidade do grupo, realiza o mesmo processo de seleção do passado. Toda memória apresenta-se como narrativa organizada, na qual há escolhas, pois não se pode lembrar-se de tudo. As escolhas do que se recorda, conscientemente ou não, implicam esquecimentos. Há fatos vivenciados pelos integralistas no passado que, como em toda memória, sempre seletiva, foram esquecidos. Porém, a questão é que há outros fatos que

seriam segura e estrategicamente banidos da memória integralista, contudo seus opositores políticos de toda sorte fizeram considerável esforço para que tais fatos, presentes na memória social, não fossem empurrados para o *Lete*. É o que se vê em 1955: narrativas vêm a público expondo um passado integralista fascista. Tal exposição forçava uma memória do que eles não queriam lembrar.

Diante de situação bastante ameaçadora ao grupo, qual seja estar entre a necessidade do esquecimento e a sua impossibilidade, a memória revelou-se engenhosa o suficiente para superar a sua suposta pretensão cognitiva principal, que é a da fidelidade, estabelecendo outro passado, mais condizente com as necessidades do grupo integralista naquele momento. Assim, a memória mostra-se com poder de criar e de refazer, sendo, sobretudo, um princípio ativo e não “um manancial de sobrevivências vestigiais”<sup>12</sup>.

Logo, quanto ao fascismo, o discurso recorrente dos perrepistas era o de que o integralismo nunca fora fascismo, discurso presente do Manifesto-Diretiva à defesa apresentada pelo vereador perrepista, Jaime Ferreira da Silva<sup>13</sup>, em 1947, na Câmara do Rio de Janeiro, em incontáveis artigos nos jornais integralistas e, quando possível, em jornais de maior circulação. E não ser identificado como fascista exigia explicações quanto à natureza da doutrina integralista que ganhava então caráter democrático e acentuava-se nela o aspecto cristão. Os esforços das lideranças perrepistas davam-se incessantemente a fim de normatizar a interpretação de que a equivalência fascismo-integralismo jamais existira. E insistiam no discurso de que o comunismo e o fascismo eram as faces esquerda e direita de uma mesma realidade, materialista e totalitária, que os integralistas negavam, pois que eram espiritualistas. Na imensa rivalidade surgida entre a candidatura Juarez Távora da União Democrática Nacional (UDN) e a candidatura Salgado, os perrepistas não hesitaram em realizar um contra discurso, no qual Juarez é que era “um candidato de tendências totalitárias que procura atrair, com promessas demagógicas, as classes trabalhadoras bem como a pequena burguesia desorientada e confusa, enfurecida e desesperada pela crise econômica e financeira que o país atravessa”<sup>14</sup>. Assim, era Juarez Távora o candidato totalitário e não Salgado.

No que concerne ao golpe de 1938, por sua vez, este fato transformara-se em ponto de partida para inumeráveis discursos difundidos pela grande imprensa para se referir ao

integralismo como golpista e ao seu “Chefe”, Salgado, como desleal, covarde e etc. Evidentemente que semelhantes discursos não eram compartilhados pelos integralistas que viam o seu “Chefe” como homem exemplar. No embate político, era importante que Salgado fosse visto como homem de honra não só por ex-militantes da AIB e, por isso, os integralistas tentaram impor sua memória, tornado-a pública, com o intuito de fazê-la hegemônica. Consequentemente, em declaração do dia 10 de setembro de 1955 (portanto, a alguns dias do pleito), assinada por integralistas como Fernando Cockrane, Jatyr de Carvalho Serejo, Arnaldo Hasselmann Faribaim e Jayr Tavares, entre outros<sup>15</sup>, a força do testemunho é invocada. Diz a declaração:

Os abaixo assinados, civis e militares que estiveram envolvidos por participação direta nos acontecimentos de março e maio de 1938, declaram não concordar de maneira alguma com as afirmações feitas pelos Srs. Almirante da Reserva Remunerada Nuno Barbosa de Oliveira e Silva, através do programa da Rádio-Mayrink Veiga<sup>16</sup>, do dia 9 do corrente e pelo Dr. Belmiro Valverde, na entrevista concedida ao jornal O Globo, edição do dia 10 do corrente mês.

DECLARAMOS, mais, que consideramos o Sr. Plínio Salgado como dos mais dignos brasileiros, corajosos e sobretudo extremamente leal aos compromissos assumidos<sup>17</sup>.

Dignidade, coragem e lealdade eram atributos de Salgado presentes na declaração assinada por vários integralistas. Atributos que, diga-se, eram bem mais convenientes ao perrepsismo e à candidatura daquele à presidência da República que os de covardia, injustiça e deslealdade difundidos por Belmiro Valverde e Nuno Barbosa de Oliveira e Silva pela imprensa. Nesse caso não se tratava de engenhosidade da memória em um refazer alterando sentidos estabelecidos no passado, mas de atualização da memória, já que esses ex-integralistas jamais viram Salgado como homem vil.

Se os perrepistas não possuíam a força midiática de seus opositores, ao menos para o grupo, a circulação de suas próprias leituras do passado dava-se intensamente na forma de folhetins e no jornal *A Marcha*<sup>18</sup>, cumprindo a desejada função de reconstrução e atualização da memória integralista de maneira conveniente ao grupo.

Ainda no que concerne ao golpe de 1938, o esforço realizado por Salgado para impor sua memória é notável. Ele tentava construir como unânime – primeiramente dentro do grupo,



mas também como verdade compartilhada por todos – a visão de que o golpe foi uma articulação de amplos setores da sociedade brasileira contra a ditadura estadonovista e favorável a restauração da Carta de 1934. A explicação dada pelo presidente do PRP e ex-chefe dos camisas-verdes é elucidativa:

O que o Governo do “golpe” queria era a nossa subordinação e não a nossa liberdade. E, então, baseados ainda naqueles ensinamentos de Santo Tomás acerca dos maus governos, passamos a desejar firmemente a restauração da Carta Constitucional de 1934, sob cujas garantias pudéramos exercer o nosso apostolado cívico. Era um movimento anti-golpe, ou contragolpe, aspirando à verdadeira vida constitucional do Brasil. Verificávamos que sem Constituição não podíamos viver e o que o Estado Novo outorgara violentamente ao país era um simulacro de Constituição, a qual longe de ser uma “declaração de direito”, não passava de uma “negação de direitos”.

Mesmo assim, nossos escrúpulos doutrinários nos levaram a concluir que jamais um movimento dessa natureza deveria ter o caráter exclusivo de uma iniciativa de corrente de opinião ou de partido isolado. Pelo contrário, tinha de ser um movimento de maior amplitude, envolvendo todos os partidos e todas as forças contrárias à Ditadura. E foi por isso que os integralistas aderiram à ação dos generais Castro Junior, Guedes da Fontoura, Flores da Cunha, Euclides Figueiredo, e outros, incluindo os chefes civis dentre os quais o mais destacado era o Sr. Otávio Mangabeira. O grande movimento nacional de todos os partidos não chegou a realizar-se, por motivo da precipitação indisciplinada de um elemento que se supunha integralista e que, ligando-se a um agitador comunista, mesmo depois de haver dado sua palavra de honra de que não se anteciparia, envolveu com mentiras alguns magníficos e denodados companheiros, que foram por esse mau elemento sacrificados.

Se o grande movimento nacional se desse sob a forma delineada pelo general Castro Junior (que nunca foi integralista), confesso que teria a minha adesão, pois sempre lutei pela vigência da Constituição e das Leis, dentro das quais me é possível doutrinar para que um dia o Brasil possa ter os homens de que precisa.<sup>19</sup>

Salgado tentava recompor seu passado e de seus militantes quanto a esses temas vitais ao integralismo. Nos meses anteriores à eleição, essas narrativas que repetiam tal discurso tornaram-se frequentes nos folhetins perrepistas. Condenados a lembrar, os integralistas/perrepistas atuaram a fim de conformar suas memórias com leituras pragmaticamente condizentes com o tempo presente. Era preciso domesticar o passado e ressignificá-lo. Para tanto, Salgado explicava o golpe de 1938 como uma ação de vários grupos com o intuito de retomar a ordem estabelecida pela Constituição de 1934. Eis a leitura que predominará internamente – entre os integralistas/perrepistas - quanto ao movimento de 1938:

um amplo levante contra a ditadura Vargas, chefiado pelo Gal. Castro Júnior, e que fracassou devido à ação precipitada de um “mau elemento” que se dizia integralista (Belmiro Valverde).

O integralismo reordenado como PRP foi, dessa forma, estabelecendo um espaço em que seus discursos foram capazes, ao longo de uma década (1945-1955), de ressignificar o passado, mantendo a mística da doutrina integralista (mas descolada do fascismo) e da dignidade e capacidade do “Chefe”. Desse modo, o PRP conseguiu aglutinar em torno da candidatura Salgado boa parte da antiga militância integralista, refazendo sua identidade e conseguindo, apesar de tudo, sobreviver politicamente.

### **A memória social atualizada: o integralismo sempre risível**

Se o passado significava, para os perrepistas, uma retomada da perspectiva de futuro que foram capazes de construir na década de 1930, e que avivava nas mentes de seus militantes que outrora militaram na AIB o sonho de um Brasil integral - e se também o passado conferia a eles a identidade do grupo, base de sua solidariedade política - por outro lado, ele, outrossim, trazia uma imagem não invejável de Salgado e de seus camisas-verdes, imagem compartilhada, seguramente, por uma considerável parcela do eleitorado.

Nos anos 1930, os discursos ridicularizando os integralistas, chamando-os de galinhas verdes, patéticos e covardes, entre outros adjetivos iguais no desmerecimento, ganharam circularidade e, ainda em 1955, permaneciam vivos na memória social. Essa memória atualizada marcava a candidatura Salgado, a qual não era tratada pela grande imprensa com a seriedade dispensada às demais candidaturas. No dia 16 de setembro de 1955, o *Correio da Manhã* descreveu as atividades dos candidatados no dia anterior e mesmo suas agendas para o dia seguinte. Porém, quanto a Salgado, ele é o último citado e a publicação naquele jornal aparece com o sugestivo subtítulo “E Plínio...”, ironizando os frequentes discursos feitos pelo candidato perrepista em que ele dizia que ganharia as eleições com maioria absoluta:

(...) não é preciso falar muito sobre o candidato do PRP: ele tem dito várias vezes que já ganhou, e que será presidente da República com maioria absoluta... Depois dessa afirmação, que poderemos dizer? Só mesmo repetindo a frase de um deputado

juarezista, que assim se expressou sobre a “bomba” de Plínio: “Quem sou eu, primo, para contradizer tão alta figura?”<sup>20</sup>.

As eleições aproximavam-se e o *Correio da Manhã* acompanhava diariamente a movimentação dos candidatos. Mas a candidatura do PRP não era levada a sério e o discurso de que ela não passava de algo risível repetia-se. Em 18 de setembro, em matéria intitulada *Às vésperas das eleições: candidatos na corda bamba*, o *Correio da Manhã*, usando o subtítulo *Plínio, o caboclo*, para se reportar à candidatura Salgado, noticiou que havia um novo cartaz de propaganda de sua campanha na qual se via um grupo de nordestinos apáticos assistindo a um de seus comícios e que no cartaz se podia ler: “As palavras do líder caboclo penetram os recessos da alma dos heróis da caatinga. Encontraram em quem votar. Um deles exclamou: - até pagando valia a pena escutar êsse homem!”<sup>21</sup>. E o *Correio da Manhã* assim concluiu a nota: “O cartaz não diz se o comício estava de tal forma hilariante...”<sup>22</sup>. No dia seguinte, segunda-feira, 19 de setembro, ocorreu comício de Salgado na Esplanada do Castelo, na capital da República. Antes do longo discurso do candidato à presidência, discursou na ocasião seu genro e correligionário, Loureiro Junior. Em seu discurso, o perrequista, recém chegado de viagem à Paraíba feita com o “Chefe”, disse que lá, o governador, José Américo, deu ponto facultativo ao funcionalismo para que o candidato do PRP pudesse ter uma grande recepção popular. E disse ainda, sobre a presença deles na Paraíba, que o arcebispo reunira o clero e recomendara que todos lutassem por Salgado, o único candidato cristão e nacionalista. O *Correio da Manhã* noticiou o comício com o seguinte título: *Imaginação delirante*, e rebateu as afirmações feitas por Loureiro Junior em tom irônico: “(...) Um deputado do PSD paraibano assustou-se, mas (...) colocou as coisas nos devidos lugares: o governador autorizou realmente a saída mais cedo das repartições, meia hora antes das 17:00 horas, para atender a um apelo que lhe formularam os integralistas. E foi só”<sup>23</sup>. Quanto à suposta recomendação do arcebispo, o *Correio da Manhã* também ironizou: “Novo susto dos representantes paraibanos, que estão na expectativa de um pronunciamento do arcebispo”<sup>24</sup>. E a matéria prosseguia, conferindo sentido ao título (*Imaginação delirante*), tratando do discurso de Salgado:

Bom exemplo deu o próprio candidato, que do alto do palanque afirmou que estava sendo ouvido no comício por 100 000 pessoas. Sim, 100.000 pessoas, declarou êle com

ênfase. Mas todos estavam vendo que no máximo 10.000 pessoas se achavam nas adjacências, computados os transeuntes desprevinidos: é a imaginação delirante do ‘chefe’ e dos seus correligionários<sup>25</sup>.

Mesmo depois das eleições, à medida que se contabilizavam os votos no processo de apuração, o *Correio da Manhã* continuava ridicularizando Salgado e o que considerou seu “pífio” resultado. No dia 11 de outubro, a matéria que noticiava a conclusão das apurações do pleito para a Câmara Municipal de São Paulo e que abordava centralmente a ascensão do Partido Democrata Cristão (PDC) marginalmente criticava o perfil do eleitorado de Ademar de Barros, colocando que “a grã-finagem de 400 e menos anos, os novos ricos (viva a inflação!) descarregaram votos no candidato pessepista. Mas isso é minoria”<sup>26</sup>. E o texto prosseguia na recorrente política de ridicularizar Salgado: “Minoria absoluta como a que obteve o sr. Plínio Salgado, o homem da maioria absoluta”<sup>27</sup>. A matéria era relativamente extensa, ocupando 113 linhas em duas colunas e a única parte em que ela referia-se ao candidato do PRP era a acima citada. Mesmo assim, dos 3 subtítulos que faziam a chamada da matéria, um deles centrava-se em Salgado e trazia o frequente ar de chacota: *Plínio conseguiu a ‘minoria absoluta’*.

Portanto, claro está que a grande imprensa dispensava à candidatura perrepista um tratamento que não se confundia com o atribuído aos demais candidatos. Apesar da posição claramente udenista do *Correio da Manhã*, as candidaturas Juscelino Kubitschek e Ademar de Barros não eram expostas como ridículas ou risíveis. Expressões como “imaginação delirante”, “minoria absoluta”, “cartaz e comício hilariantes”, vistas acima, compuseram uma vasta rede discursiva usada exclusivamente contra os perrepistas e que contribuía para marcar a candidatura Salgado como risível.

### **A memória social como veto ao presente: o integralismo fascista e golpista**

Além da chacota que se fazia da candidatura Salgado, os integralistas/perrepistas depararam-se com discursos de outra natureza, mas que também os atingiam gravemente. Eram discursos centrados em temas por demais perturbadores quanto ao passado integralista, quais sejam, a natureza fascista do integralismo e o golpe de 1938, temas aos perrepistas

ligados de modo ameaçador. Melhor que tanto um quanto o outro fossem esquecidos. Mas a incômoda lembrança era permanentemente exposta a todos, impedindo-lhes o salutar esquecimento.

No decorrer da campanha, estrategistas da candidatura Juarez Távora da UDN viam maior proximidade entre o eleitor de Salgado e o de Juarez que entre o eleitor daquele e o dos outros dois candidatos. Supunham que, na ausência da candidatura do PRP, a maioria dos votos deste partido migraria para a UDN. Partindo dessa avaliação, em 20 de setembro de 1955, o destacado membro da UDN, Carlos Lacerda, encontrou-se com Salgado, no intuito de convencê-lo a retirar sua candidatura em prol da candidatura udenista, já que, segundo a interpretação udenista, aquele não possuía chance alguma no pleito que se aproximava. Porém, Salgado se mostrou irredutível diante de tal possibilidade. O *Correio da Manhã*, ao noticiar o encontro no dia seguinte, assim se reportava ao fato:

Fizeram os dois primeiros ‘Lacerda e uma correligionária’ uma sondagem sobre as possibilidades de o candidato do PRP desistir em favor do Sr. Juarez Távora. Sabido é que o ex-chefe do fascismo brasileiro não tem qualquer possibilidade eleitoral. Não obtiveram nenhuma palavra favorável do Sr. Plínio Salgado, que se mostra disposto a comparecer às urnas e a receber os votos de alguns integralistas e daqueles que discordam das outras candidaturas<sup>28</sup>.

O *Correio da Manhã*, ao referir-se a Salgado como o ex-chefe do fascismo brasileiro, trazia para o presente os discursos atinentes ao passado que tachava o integralismo de fascismo e, ao fazê-lo, atualizava uma crítica que desqualificava o candidato perrepista, o qual, afinal, se insistia em comparecer às urnas, era para receber uma ridícula votação: somente de alguns integralistas e daqueles que discordavam das outras candidaturas.

Se a crítica na imprensa desqualificava o integralismo, o PRP e Salgado, por outro lado, o pragmatismo político informava o comportamento da UDN. Ciente das vantagens que seu partido teria se conseguisse a retirada de Salgado do pleito<sup>29</sup>, Lacerda estabelece negociações políticas com aquele.

Mas, de qualquer modo, para o grupo que atuava no PRP e, especialmente, para os que, além de atuarem no PRP, haviam militado na AIB, o passado insurgia perturbadoramente. E a

acusação de fascista repetia-se insistentemente. Em 24 de setembro, o *Correio da Manhã* noticiou debate ocorrido na Câmara dos Deputados entre os parlamentares Nestor Duarte (Partido Libertador – BA), Loureiro Junior (PRP – SP) e Ponciano dos Santos (PRP – ES). Na sessão, Nestor Duarte subiu à tribuna para provar – como prometera dias antes que o faria – que o integralismo nascera do nazifascismo. E o deputado baiano, para tal, recorreu ao passado presente na memória social e assim proferiu: “(...) para compreender o problema, se tornava necessário um retrospecto histórico, remontando-se à época em que o totalitarismo assustara o mundo, no segundo quartel deste século, liderado por Hitler, Mussolini e Hiroito”<sup>30</sup>. Portanto, para se entender a doutrina integralista, defendida pelo PRP, era preciso buscá-la em suas raízes (que, aliás, dava o título à matéria: *As raízes do integralismo*) e, ao encontrá-las, depararíamos-nos com uma doutrina totalitária, como o deputado Duarte prosseguia na tribuna explicando a posição de Salgado nos anos 1930: “Começaram as suas afirmações totalitárias: a preeminência do Estado sobre o indivíduo; os valores espirituais preterindo as atividades econômicas; o partido único organizado em moldes para-militares; e a simbologia dos gestos e ‘slogans’ nos moldes nazi-fascistas”<sup>31</sup>. E, para não haver dúvidas do que se tratava aquilo tudo, ele terminou equiparando Salgado à Hitler e Mussolini: “- Também Mussolini e Hitler assim procederam”<sup>32</sup>.

Se as dificuldades para o PRP de dispor-se na cena política já eram significativas, tendo ele que enfrentar a acusação de fascista e, ao mesmo tempo, a vulgarizada visão de que se tratava de organização risível, já que era integralista, no caso das narrativas respeitantes ao Golpe de 1938, essas dificuldades ganhavam mais um agravante, que era o da corrosão interna – os testemunhos extremamente prejudiciais ao partido surgiam das próprias orlas integralistas. Narrativas quanto ao golpe de 1938 de ex-integralistas eram lançadas na grande imprensa e elas se diferenciavam rigorosamente do discurso que os integralistas no PRP convencionaram colocar público. Nuno Barbosa de Oliveira e Silva, almirante da reserva e ex-integralista que havia participado ativamente das ações relativas ao golpe de 1938 e Belmiro Valverde, médico ligado a AIB do Rio de Janeiro, e que chefiou politicamente a ação armada de 11 de maio de 1938, foram personagens centrais desse embate.

Belmiro Valverde, com o fracasso do movimento de 1938, foi preso pela repressão estadonovista e assim permaneceu por vários anos. Nas eleições de 1955, ele apoiou a UDN e,

em setembro, já perto do pleito que ocorreria em 3 de outubro, passou a dar declarações públicas quanto ao referido golpe, nas quais o presidente e candidato do PRP, Salgado, aparecia como covarde e desleal. Em 9 de setembro, em entrevista à imprensa e publicada no dia seguinte em vários jornais, entre eles o *Correio da Manhã* e *O Globo*, Belmiro Valverde explicou, a partir de relatos sobre o golpe de 1938 os motivos que o levaram a romper com Salgado:

(...) Aceitas essas condições, vi depois que o Sr. Plínio Salgado não cumprira o prometido. Depois de dada a ordem e evidenciado que o movimento fora vencido (...) o Sr. Plínio Salgado negou-se terminantemente a assumir qualquer responsabilidade pelo fato. Situação diferente tivemos nós. Presos e sob as mais variadas ameaças, rasgamos sua carta a nós dirigida sobre o assunto e eliminamos qualquer documento capaz de comprometê-lo. Por isso, enquanto todos nós padecíamos no cárcere, ele pôde embarcar para Portugal. Ali, a despeito de ser um homem válido e de comprovada capacidade intelectual, viveu às custas do movimento e dos heróicos integralistas que ficaram no país<sup>33</sup>.

Covardia, injustiça e deslealdade caracterizavam, no discurso de Valverde, o “Chefe-Nacional”. Valendo-se de suposta ascendência sobre vários integralistas, ele, na citada entrevista, pedia aos seus ex-correligionários que votassem em Juarez Távora e não em Salgado. Assim, no dia seguinte, o *Correio da Manhã* exporia tal posição em matéria intitulada *Antigos chefes do Integralismo resolvem apoiar a chapa Juarez-Milton*<sup>34</sup>.

O *Correio da Manhã* insistentemente desqualificava Salgado e, muitas vezes, para tal, recorria à entrevista de Belmiro Valverde ou às falas que a ela se reportavam. Em 15 de setembro daquele mesmo ano, o jornal publicou nota na qual se divulgava o Voto de Louvor concedido pela Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro ao jornalista Vicente Lima por reportagem publicada em revista da capital (não foi divulgada em qual) denunciando que João Goulart, candidato a vice-presidente da República pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), era dono de um *Cabaret* em São Borja (RS), local onde também se exploravam jogos de azar. O *Correio da Manhã* não perdeu ocasião para finalizar a nota colocando, à parte, que o vereador Magalhães Júnior “asseverou que também o sr. Plínio Salgado, que tem diploma de covarde dado pelo sr. Belmiro Valverde, também é favorável à exploração do jogo (...)”<sup>35</sup>.

As narrativas de Valverde eram ameaçadoras, pois que capazes de quebrar a unidade nas fileiras do PRP quanto à compreensão de fatos marcantes do passado integralista e ainda o

eram porque referendavam narrativas que desprestigiavam o chefe integralista. Valverde havia sido um dos atores centrais no Golpe de 1938 e, portanto, testemunha ocular que poderia narrar o que vira com certa autoridade.

Toda testemunha quer ser acreditada e as falas da testemunha Valverde têm um apelo do gênero “Eu estava lá” e “Se não acreditam em mim, perguntem a outra pessoa”<sup>36</sup>. Neste sentido, o testemunho de Nuno Barbosa de Oliveira e Silva, também ex-integralista e partícipe do golpe de 1938, aumentou o problema para o PRP em relação ao seu passado, pois referendava as narrativas de Valverde. Em 16 de setembro, o *Correio da Manhã* publicava as seguintes declarações de Oliveira e Silva: “(...) apesar de não falar com o sr. Belmiro Valverde desde quando estivemos presos em Fernando de Noronha, confirmo integralmente suas declarações por representarem a verdade nua e crua dos fatos ocorridos em 1938 (...)”<sup>37</sup>. E se a confiabilidade do testemunho advinha de sua reputação, Oliveira e Silva, ao reforçar o valor do testemunho de Valverde, também se serviu desse estratagema ao dizer que “(...) o sr. Belmiro Valverde é um homem cujo passado digno e honrado não lhe permitiria falsear a verdade”<sup>38</sup>. Portanto, tratava-se de argumento credenciador do testemunho, o que autenticava a sua narrativa. Ao mesmo tempo em que Oliveira e Silva ressaltava de forma positiva a dimensão fiduciária do testemunho de Valverde, ele desqualificava a de Salgado, atacando exatamente a reputação deste:

Ao passo que do sr. Plínio Salgado, nesse particular, - com base em fatos comprovados e documentos que possuo – não posso dizer o mesmo.

Foi um chefe que pecou pela vacilação e falta de coragem nos momentos mais difíceis. Fugiu às responsabilidades de chefe de um movimento doutrinário e demonstrou, em várias oportunidades, ter agido deslealmente (...)”<sup>39</sup>.

Vacilante, covarde e desleal eram características do “Chefe” segundo o testemunho de Oliveira e Silva, pessoa que corroborou as declarações colocadas a público por Belmiro Valverde. O testemunho ocupou o espaço público trazendo o passado para o presente e, com tal passado atualizado na memória social, o bom desempenho do PRP na vida pública ficava seriamente comprometido.



## Considerações finais

Se, em algum lugar, há embate entre a história e a memória, não é aqui a arena em que ele se dá. Nesse espaço público em que os atores políticos digladiam-se em busca de poder, a memória, por meio do testemunho, é senhora. Mas, ela sim, a memória, entrou em disputa. Na realidade presente, o passado não passava e, se era por meio de representações do passado que o PRP era sempre questionado, também era nele que os perrepistas encontravam sua força. Era na realidade presente, repleta de passado, que os antigos integralistas inseriam-se. E, se não se inseriam de forma bastante expressiva, ao menos conseguiam força suficiente para despertar o interesse de outras forças políticas (que então com eles buscavam negociar) e de milhares de eleitores (714 379) que sufragaram o nome de Plínio Salgado para presidente da República em 1955. O PRP vagava entre as memórias que o vetavam e as que o uniam.

## Citações

1. BURKE, Peter. *O mundo como teatro – estudos de antropologia histórica*. Lisboa: Difel, 1992, p. 247.
2. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4ª edição, Campinas: Ed. Unicamp, 1996, p. 426.
3. SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 37.
4. SALGADO, Plínio. *Manifesto Diretiva*. In: *Correio da Manhã*, 9.9.1945, p. 10.
5. Fundamentos do Programa Partidário do PRP. In: *Diário Oficial*, 29.9.1945.
6. SALGADO, Plínio. *Livro verde da minha campanha*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira S. A., 1956, p.14.
7. Plínio Salgado sentia o crescimento do partido bem aquém de suas expectativas e da militância em geral. O PRP foi sufragado por 90 mil votos em 1945, atingindo 146 mil em 1947, e 252 mil em 1950.
8. SALGADO, Plínio. *Livro verde da minha campanha*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira S. A., 1956, p. 15.
9. *Ibidem*.
10. *Idem*, p. 14.
11. CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo; memória e fim do fim da história*. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p.23-24.
12. GUARINELLO, Norberto Luiz. *Memória coletiva e história científica*. In: *Revista Brasileira de História: Espaço Plural*. São Paulo: ANPUH: Marco Zero, 1994, v.14, n. 28, pp. 180-193, p. 187.
13. O vereador perrepista, Jaime Ferreira da Silva, fez longo discurso de defesa do integralismo na Câmara do Distrito Federal, em 9 de julho de 1947. Nele, responde a 13 interpelações/acusações, sendo a primeira a de que o integralismo era fascismo. Depois de exposição referente às diferenças entre um e outro, o vereador concluiu: “(...)

deve ter ficado bem claro que Integralismo e Fascismo, doutrinária, filosófica ou sociologicamente são coisas bem distintas?”. In: SILVA, Jayme Ferreira da. *A verdade sobre o integralismo (discurso pronunciado na Câmara do Distrito Federal na sessão de 9 de julho de 1947)*. São Paulo: Edições GRD, 1996, p. 16.

14. *Juarez é o Perón brasileiro. A Marcha*, Rio de Janeiro, 24.6.1955, p. 1 e 12.

15. O documento citado foi assinado por 36 integralistas que participaram ativamente das operações concernentes ao golpe de 1938. Optei por citar no texto apenas os 4 mais destacados da lista.

16. Nuno Barbosa de Oliveira e Silva foi entrevistado em 9 de setembro de 1955 pela rádio *Mayrink Veiga*, e, nesta, fez declarações pouco confortáveis aos integralistas.

17. *Plínio Salgado e os acontecimentos de 1938 – Declaração*. In: SALGADO, Plínio. *Livro verde da minha campanha*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira S. A., 1956, p. 227.

18. O semanário *A Marcha* foi lançado em fevereiro de 1953 e circulou até setembro de 1965, totalizando 473 edições. Segundo seu editorial, o jornal atingiu mais de 2000 municípios e chegou a atingir a tiragem de 80 mil exemplares, números possivelmente inflados por seus editores. Foi o principal jornal integralista do pós-guerra.

19. SALGADO, Plínio. *Livro verde da minha campanha*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira S. A., 1956, pp. 190-191.

20. *Correio da Manhã*, 16/09/1955, Primeiro Caderno, p. 4.

21. *Idem*, 18/09/1955, Segundo Caderno, p. 1.

22. *Ibidem*.

23. *Idem*, 20/09/1955, Segundo Caderno, p. 1.

24. *Ibidem*.

25. *Ibidem*.

26. *Idem*, 11/10/1955, Primeiro Caderno, p. 1.

27. *Ibidem*.

28. *Idem*, 21/09/1955, Segundo Caderno, p. 1.

29. A avaliação da UDN nesse sentido era tão acertada que Juscelino Kubitschek obteve 3 077 411 votos, enquanto seu opositor, Juarez Távora, obteve 2 610 462. Salgado, por sua vez, foi sufragado por 714 379 eleitores (dados fornecidos pelo IBGE em Estatísticas do século XX). Somando-se os votos do PRP aos da UDN Juscelino teria sido derrotado. Evidentemente que não se tem uma matemática tão simples, mas os eleitores do PRP eram muito mais simpáticos à candidatura Juarez que a Juscelino. Como a vantagem que tal somatória simples (PRP somado a UDN) daria a Juarez uma votação bem superior em relação à recebida por Juscelino, é possível supor (mesmo reduzindo bastante a migração dos votos de Salgado para Juarez) que as chances da UDN de vencer as eleições teriam aumentado significativamente com a retirada da candidatura Salgado

30. *Correio da Manhã*, 24/09/1955, Primeiro Caderno, p. 1.

31. *Ibidem*.

32. *Ibidem*.

33. *Correio da Manhã*, 10/09/1955, Segundo Caderno, p.1.

34. *Ibidem*.

35. *Idem*, 15/09/1955, p. 1.

36. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.173.

37. *Correio da Manhã*, 16/09/1955, Primeiro caderno, p. 9.

38. *Ibidem*.

39. *Ibidem*.

**Bibliografia**

- BURKE, Peter. *O mundo como teatro – estudos de antropologia histórica*. Lisboa: Difel, 1992.
- CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra – a formação do PRP (1945-1950)*. (Coleção história). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- \_\_\_\_\_, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro: a trajetória do PRP – cães de guarda da ordem burguesa*. Tese de doutorado. UFF, 2005.
- CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papyrus, 1998.
- CARNEIRO, Márcia. *Memória e integralismo: um estudo da militância no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-Graduação em História, UFF, Rio de Janeiro, 2002.
- CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 1955.
- CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo; memória e fim do fim da história*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999.
- DIÁRIO OFICIAL. Rio de Janeiro, 1945.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. *Memória coletiva e história científica*. In: *Revista Brasileira de História: Espaço Plural*. São Paulo: ANPUH: Marco Zero, 1994, v.14, n. 28, pp. 180-193.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HARTOG, François. *Regimes d'historicité – présentisme et expériences du temps*. Paris: Éditions du Seuil, 2003.
- JÚNIOR, A. M. de A. *Do declínio do Estado Novo ao suicídio de Getúlio Vargas*. In: FAUSTO, B. (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. T. 111: O Brasil Republicano. V. 3: Sociedade e Política 1930-1964. p. 225-256. 3. ed. São Paulo: Difel, 1986.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006.

- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4ª edição, Campinas: Ed. Unicamp, 1996
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SANDES, Noé Freire. *Entre a memória e a história: os exilados da velha república*. In: GONÇALVES, Ana Teresa Marques et alii (orgs.). *Escritas da história: memória e linguagem*. Goiânia: UCG, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O jornalista Costa Rego e o tempo revolucionário (1930)*. Revista Brasileira de História, v. 28, p. 41-61, 2008.
- SALGADO, Plínio. *Livro verde da minha campanha*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira S. A., 1956.
- \_\_\_\_\_. *Manifesto Diretiva*. In: *Correio da Manhã*, 9.9.1945, p. 10
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SILVA, Jayme Ferreira da. *A verdade sobre o integralismo (discurso pronunciado na Câmara do Distrito Federal na sessão de 9 de julho de 1947)*. São Paulo: Edições GRD, 1996.
- TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*. São Paulo: Difel, 1974.
- VICTOR, Rogério Lustosa. *O integralismo nas águas do lete: história, memória e esquecimento*. Goiânia: Editora da UCG, 2005.